

DOSSIÊ

# NOVAS ATUAÇÕES DAS FONTES NO CAMPO DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS:

um estudo sobre vazamentos de  
informação (1970-2020)



MARIA CRISTINA GUIMARÃES ROSA DO AMARAL<sup>1</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil*  
ORCID: 0000-0002-6103-4808

DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1804

Recebido em: 15/01/2025

Desk review em: 27/04/2025

Editor de desk review: Marcos Paulo da Silva

Revisado em: 23/11/2025

Revisado em: 18/12/2025

Aprovado em: 23/12/2025

Como citar esse artigo: Amaral, M. C. G. R. (2025). NEW ROLES OF SOURCES IN JOURNALISM: a study on information leaks (1970-2020). *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1804. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1804

**RESUMO** – O artigo analisa alterações no perfil de fontes de vazamento de informação e em suas relações com os jornalistas em cinco episódios ao longo de aproximadamente 50 anos: Pentagon Papers; Cablegate; o caso Snowden; Panama Papers e Vaza Jato. A partir da leitura do corpus foram estabelecidos, como operadores metodológicos, cinco marcadores: identidade; dinâmica de aproximação; dinâmica de colaboração; motivação alegada e consequências. A investigação mostrou como as novas tecnologias de informação e comunicação exercem papel fundamental na alteração do perfil das fontes de vazamentos e nas dinâmicas instauradas por elas. Também, apontou transformações nas características de colaboração e protagonismo das fontes. Procuramos ainda mostrar que a atuação das fontes exerce influência sobre a construção da notícia, enquanto produto, e sobre a narrativa midiática, enquanto versão autorizada dos fatos, tensionando perspectivas tradicionais a respeito da subjetividade no jornalismo, da composição da autoridade jornalística e dos limites do campo jornalístico.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Vazamentos. Fontes. Subjetividade.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: cristina.gramaral@gmail.com

## **NEW ROLES OF SOURCES IN JOURNALISM: a study on information leaks (1970-2020)**

**ABSTRACT** – This article analyzes changes in the profile of sources and the dynamics between journalists and sources of information leaks in five episodes: Pentagon Papers; Cablegate; the Snowden case; Panama Papers; and Vaza Jato. Based on the analysis of the corpus, five markers were established as methodological operators: the identity of the source; dynamics of approach; dynamics of collaboration; alleged motivation; and consequences. The investigation showed how new information and communication technologies play a fundamental role in altering the profile of leak sources and the dynamics they establish. It also pointed to the transformation of the characteristics of collaboration and prominence of the sources. Thus, we seek to show that the expansion of the role of sources influences the construction of news as a product and the media narrative as an authorized version of the facts, challenging traditional perspectives regarding subjectivity in journalism, the composition of journalistic authority, and the limits of the journalistic field.

**Keywords:** Journalism. Leaks. Sources. Subjectivity.

## **NUEVAS ACTUACIONES DE LAS FUENTES EN EL ÁMBITO DE LAS PRÁCTICAS PERIODISTAS: un estudio sobre las fugas de información (1970-2020)**

**RESUMEN** – Este artículo analiza los cambios en el perfil de las fuentes y la dinámica entre periodistas y fuentes de filtraciones de información en cinco episodios: Papeles del Pentágono; Cablegate; caso Snowden; Papeles de Panamá; y Vaza Jato. A partir del análisis del corpus, se establecieron cinco operadores metodológicos: identidad; dinámica de aproximación; dinámica de colaboración; supuesta motivación; y consecuencias. La investigación demostró cómo las nuevas tecnologías de la información y la comunicación desempeñan un papel fundamental en la alteración del perfil de las fuentes de filtraciones y la dinámica que establecen. También demostró la transformación de las características de colaboración y protagonismo de las fuentes. Así, buscamos demostrar que la expansión del rol de las fuentes influye en la construcción de la noticia como producto y en la narrativa mediática como versión autorizada de los hechos, desafiando las perspectivas tradicionales sobre la subjetividad en el periodismo, la composición de la autoridad periodística y los límites del campo periodístico.

Palabras clave: Periodismo. Fugas. Fuentes. Subjetividad.

### **1 Introdução**

Em um escopo tradicional das práticas jornalísticas, Ruellan (2006) considera que a construção do discurso midiático sobre a atualidade é produzida pela inter-relação de jornalistas, fontes e público. Ainda que o cenário atual torne imperativo incluirmos outros atores nesta equação – como as plataformas, instituições midiáticas as mais diversas e a própria dinâmica das redes sociais –, não podemos pensar as transformações no jornalismo, seja em

sua própria natureza; seu papel social; como profissão; negócio ou como forma de conhecimento da realidade, sem considerar a fonte jornalística como importante ator com novas características e, consequentemente, sujeito e objeto de novos processos sofrendo e exercendo forças no campo jornalístico.

Com este horizonte, o artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa (Amaral, 2024) cujo principal objetivo consiste no estudo das mudanças, em um período de quase cinco décadas, nas relações entre fonte e jornalista em casos de vazamentos de informação. O recorte reúne os principais episódios de vazamentos de informação para a imprensa ocorridos entre 1970 e 2020. Os episódios estudados foram marcantes na história internacional ou brasileira, emblemáticos do ponto de vista jornalístico, e ajudaram a (e ainda atuam para) formar a prática, a identidade, a memória e a subjetividade do jornalismo: Pentagon Papers (1971); Cablegate (2010); o Caso Snowden (2013); Panama Papers (2015) e Vaza Jato (2020).

Nos vazamentos para a imprensa, com a tecnologia tomando uma instância cada vez maior na obtenção, armazenamento e transmissão das informações, além do aumento exponencial do volume e sofisticação dos dados, ficam claras não só rupturas e continuidades nas dinâmicas entre fontes e jornalistas como os efeitos da tecnologização da informação para a prática jornalística contemporânea – incluindo um novo perfil de fonte.

Este artigo aborda a forma como a alteração nos perfis e nas dinâmicas das fontes de vazamentos para a imprensa nas últimas décadas sugere a criação de novas tipologias de fontes, significando a inserção de novas subjetividades – ou de um maior grau de subjetividade – na construção da notícia enquanto produto, e também na construção da própria narrativa midiática que irá predominar a respeito de determinado acontecimento. Considerando as forças representadas por tais fontes, analisa ainda seu papel na constante reconfiguração do campo jornalístico.

As transformações abordadas, seja no perfil ou na atuação de tais fontes, podem ser vistas como fragmentos de mutações maiores que o jornalismo vem sofrendo, com a pulverização dos polos de produção e distribuição, diferentes hábitos de consumo e novos modelos de negócio, gerando um novo ecossistema jornalístico (Alves, 2006; Bruns, 2011; Anderson et al., 2013; Deuze & Witschge, 2016).

## 2 A metodologia e a opção pelos bastidores

A investigação sobre o reposicionamento das fontes no cenário de vazamento de informações privilegiou a análise das dinâmicas entre fontes e jornalistas, em detrimento do resultado jornalístico, ou seja, da notícia pronta como veio ao público. Por isso, o corpus da pesquisa compõe-se majoritariamente de biografias, autobiografias e livros-reportagem que possibilitaram uma articulação entre relatos dos bastidores e a problematização sobre o papel da fonte. São eles: *Secrets* (Daniel Ellsberg, 2003), *Os arquivos Snowden* (Luke Harding, 2014), *Eterna Vigilância* (Edward Snowden, 2019), *Sem Lugar para se seconder* (Glenn Greenwald, 2014), *Wikileaks: A guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado* (David Leigh e Luke Harding, 2011), *README.txt* (Chelsea Manning, 2022), *The Panama Papers: Breaking the story of how the rich and powerful hide their money* (Bastian Obermayer e Frederik Obermaier, 2020) e *Vaza Jato. Os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil* (Letícia Duarte, 2020). Além disso, como em nem todos os episódios existiam relatos escritos por ambos os lados (fonte e jornalista), esta lacuna foi preenchida com entrevistas concedidas por eles e publicadas nos sites CNN; Brasil 247 e Veja.com (Walter Delgatti\Vaza Jato) e no The New York Times (Neil Sheehan\Pentagon Papers).

A metodologia da pesquisa foi construída ao longo do processo, no que Braga (2011) classifica como um exercício contínuo de tomada de decisões teórico metodológicas. O primeiro passo foi uma leitura livre sobre os vazamentos escolhidos, em fontes diversas, tanto acadêmicas como jornalísticas. Em seguida, uma leitura exploratória do corpus resultou na confecção de uma matriz analítica em busca de padrões que pudessem sistematizar a atuação das fontes e suas reverberações. Ao final, foram estabelecidos como operadores metodológicos cinco marcadores: identidade da fonte; motivação alegada; dinâmica de aproximação; dinâmica de colaboração e consequências. Na fase analítica, em uma leitura seletiva (Gil, 2006), foram selecionadas as partes relevantes do corpus aplicando os marcadores definidos anteriormente. Por fim, a fase interpretativa procurou estabelecer uma relação entre o corpus e outras leituras, conceitos e construções teóricas.

Ao final das fases exploratória e analítica, dois aspectos ficaram claros. O primeiro foi uma mudança no perfil das fontes de vazamentos de informação, com o fim de uma certa elitização

da fonte: sai o burocrata de carreira, acima dos 40 anos, bem posicionado hierarquicamente na instituição, e surge o jovem, às vezes sem nem ao menos o ensino superior, vindo das camadas mais baixas da instituição (consequentemente com menos compromisso com a instituição) e trabalhando na área de tecnologia da informação.

O segundo aspecto relevante surgiu com a identificação de características no comportamento das fontes que, apesar de existirem anteriormente, haviam se modificado ou intensificado significativamente: a colaboração e o protagonismo.

A característica de colaboração se refere principalmente à dinâmica envolvida entre fonte e jornalista. O conhecimento das práticas jornalísticas – e o eventual uso deste conhecimento para alimentar interesses próprios das fontes – não é novidade. Fausto Neto (2017, p. 224) já via a transformação das fontes em “atores que passam a editar suas relações com os jornalistas, enquanto mediadores, na medida em que dominam operações técnicas que, até então, estavam nas mãos dos jornalistas”. O que é novo é o uso deste conhecimento em colaboração com o jornalista – por imposição da fonte ou necessidade do jornalista. Partimos, então, para estabelecer essa diferença: seria colaborativa a fonte que não apenas oferece informações, mas interfere, em algum grau e com a anuência do jornalista, nas práticas jornalísticas que se seguem até aquele conteúdo virar notícia.

A segunda característica identificada diz respeito ao protagonismo da fonte, e define o que chamamos de fontes protagonistas. O termo, cunhado a partir de um artigo de Christofolletti (2016), é usado aqui de forma um pouco diferente. Para o autor, o protagonismo da fonte se revela quando elas deixam de ser fontes a quem se recorre apenas quando necessário e, aumentando seu raio de influência e seus movimentos proativos, “ofuscam os jornalistas e seus veículos” (Christofolletti, 2016, p. 60). Nesta categoria ele coloca Edward Snowden, fonte do Caso Snowden e Julian Assange, fundador e editor do site WikiLeaks.

A pergunta que se faz então, para esta noção de protagonismo é: por que exatamente Snowden e Assange ofuscaram jornalistas e seus veículos? Não apenas por serem proativos, certamente – Chaparro (2014, 2007) tinha apontado consequências da profissionalização das fontes; mas certamente não a capacidade de ofuscar. Terá sido então por deixarem clara sua característica colaborativa? Por desafiarem as práticas jornalísticas? Por não se manterem anônimos

e ficarem famosos? Pelas consequências de seus atos? Entendi que era necessário tentar qualificar esse protagonismo, investigando suas causas e consequências.

O protagonismo das fontes, como estabelecido neste artigo, emerge quando elas não apenas se mostram proativas ao municiar o jornalista de informações, mas, por si e por suas ações, geram novas narrativas jornalísticas em torno de suas figuras, independentemente da cobertura do conteúdo vazado.

Fontes colaborativas e fontes protagonistas – classificações propostas na pesquisa para integrar a taxonomia das fontes – tensionam, por suas naturezas, alguns conceitos jornalísticos estabelecidos pelos estudos do newsmaking (Martino, 2014; Wolf & Figueiredo, 1999) e pela noção de autoridade jornalística (Zelizer, 1992, 2014) ao acrescentarem novas subjetividades à construção da notícia e à narrativa dominante. Suas ações, no fluido cenário midiático atual, representam, desta forma, forças que atuam dentro e sobre o campo jornalístico, como parte de sua constante reconfiguração (Di Salvo & Porlezza, 2020). Ao propor estas novas classificações temos em mente que, se a identificação e análise de tais características se limitam, neste estudo, às fontes dos casos de vazamento de informação, não há porque se pensar que sejam exclusivas delas, uma vez que suas condições constitutivas – que veremos mais adiante – podem ser encontradas, em maior ou menor grau, em outros tipos de fontes.

### **3 A subjetividade no jornalismo**

Ao optar por tornar públicas as informações que tinha em mãos a respeito do programa de vigilância do governo dos Estados Unidos, Edward Snowden tomou duas decisões: a primeira foi por entregar as informações para jornalistas, e não divulgar por conta própria. A segunda foi escolher criteriosamente tais jornalistas.

Em seu livro de memórias, Snowden diz que um site com uma política de transparência total, tipo WikiLeaks, não atenderia às suas necessidades, argumentando que queria um parceiro capaz de avaliar os potenciais perigos da revelação de informações confidenciais e que ajudasse a explicá-las colocando-as no contexto tecnológico e legal. “Cooperar com algum tipo de mídia me defenderia contra as piores acusações de atividade desonesta e corrigiria qualquer viés que eu

tivesse, fosse consciente ou inconsciente, pessoal ou profissional” (Snowden, 2019, p. 208).

Snowden aqui lança mão da figura do jornalista como a garantia da objetividade, da notícia factual, que impediria a informação de ser contagiada por sua opinião. No entanto, ao buscar profissionais para fazer contato, os critérios foram bem mais subjetivos. É significativo, por exemplo, que, no movimento de se aproximar da imprensa, Snowden não tenha escolhido jornalistas tradicionais: optou pela documentarista Laura Poitras e por Glenn Greenwald, que se hoje tem a posição de jornalista sedimentada, quando foi contatado por Snowden era, apesar de blogueiro e colunista no *The Guardian*, mais conhecido por sua atuação na área do direito. Em seu livro a fonte conta que, ao tentar selecionar os jornalistas, depois de algum tempo debruçado sobre vários nomes possíveis, resolveu deixar que o sistema que estava tentando expor fizesse o trabalho por ele: “decidi que meus melhores parceiros seriam jornalistas nos quais o Estado de segurança nacional já estivesse de olho (Snowden, 2019, p. 214).

Essa aparente dubiedade da fonte, que busca em profissionais com forte opinião e posicionamento uma garantia contra sua própria subjetividade, nos ilustra uma discussão que ressurgiu, de tempos em tempos, e cada vez mais forte, sobre o lugar da subjetividade (ou sobre a impossibilidade da objetividade) no jornalismo. Steensen (2017) aponta como muitas dicotomias do jornalismo – hard e softnews; entretenimento e informação; fato e opinião; emoção e racionalidade – tornaram-se confusas, fazendo do jornalismo hoje um campo complexo em que subjetividade e objetividade coexistem de várias maneiras.

É nas redes sociais, no entanto, ressalta o autor, que a colocação da subjetividade do jornalista está mais clara. Cada vez mais jornalistas profissionais mantêm uma interação com seu público de forma mais pessoal – consequentemente diminuindo o grau de representatividade das instituições para as quais trabalham. O uso da emoção, e o artifício de lançar mão de detalhes de suas próprias vidas privadas não é novidade em tipos específicos de jornalismo, antigos ou recentes, como o opinativo, literário etc. (Wahl-Jorgensen, 2012). Mas, com as redes sociais, os jornalistas que normalmente trabalham dentro de um paradigma tradicional de objetividade, passam a assumir-se como indivíduos privados, com reflexos subjetivos, sem, ao que parece, perder credibilidade como jornalistas de notícias (Steensen, 2017).

A esta subjetividade do repórter somam-se outras, na construção de uma notícia. Prática comum no jornalismo “objetivo”, o destaque dado ao “personagem” de uma reportagem inunda de subjetividade e (quando o repórter tem sorte) emoção aquela matéria. Mas a construção da reportagem é muito maior. Cinegrafistas, apuradores, editores – o jornalismo é quase sempre uma prática de equipe. O que argumentamos neste artigo é que as fontes (e aqui lembramos novamente o escopo limitado da pesquisa), ao apresentarem aspectos de colaboração e protagonismo em um grau elevado, aumentam significativamente sua participação – e por conseguinte a inserção de diferentes subjetividades – na construção da notícia e da narrativa jornalística dominante.

#### **4 Novo perfil de fonte**

A identidade da fonte é o primeiro dos marcadores propostos para o estudo das dinâmicas entre fonte e jornalistas nos vazamentos de informação. Ela vai determinar, em grande medida, todo o resto. Através deste marcador procura-se fazer um perfil da fonte, avaliar seu poder de afetação sobre o conteúdo vazado e observar o modo de acesso às informações, além da capacidade de cópia, armazenamento e transporte dos dados.

As novas tecnologias de informação e comunicação vêm redesenhando as redações e o ecossistema jornalístico como um todo (Alves, 2006; Bruns, 2011; Anderson et al., 2013; Deuze & Witschge, 2016). Nos vazamentos estudados, ficou clara a importância que assumiram em todas as etapas do processo, passando pela complexidade das informações, armazenamento, transmissão, dinâmica de aproximação com a imprensa (ou na escolha de outros caminhos, como por exemplo a publicação direta na internet, em sites de denúncias como o WikiLeaks ou em redes sociais) e pelas adaptações a que o próprio jornalismo foi forçado (colaboração internacional, inovações tecnológicas, novos tipos de profissionais dentro das redações). A expertise tecnológica, tanto da fonte como dos jornalistas (ou a falta dela, em alguns casos), se mostrou um ponto sensível em quase todos os vazamentos. Ao analisar a identidade das fontes nos episódios escolhidos, vemos que também o perfil da fonte sofreu mudanças decorrentes da tecnologização da informação.



Muda o perfil das fontes porque muda quem tem acesso às informações: hoje, jovens recém-saídos da faculdade – ou nem isso – com alto grau de habilidade tecnológica, têm acesso a dados complexos e sensíveis. Daí decorre o fim de uma certa elitização no perfil das fontes – e essa parece ser a principal característica das fontes dos vazamentos ditos digitais, como classifica McCurdy (2013) em oposição aos chamados vazamentos analógicos. Na década de 1970, época dos Pentagon Papers, apenas profissionais no topo da hierarquia tinham acesso a informações confidenciais. Esse era o perfil de Daniel Ellsberg, fonte do vazamento, durante anos analista no Pentágono. Formado em economia pela universidade de Harvard, Ellsberg trabalhava na Rand Corporation, uma ONG de pesquisa com foco nos aspectos militares da guerra fria. Ele tinha o mais alto nível de liberação possível a um civil, um cargo que ficaria, em termos militares, entre um tenente-general e um major-general.

Era exatamente esse imaginário que ocupava a mente do jornalista do The Guardian, Glenn Greenwald, quando foi se encontrar com Edward Snowden no saguão de um hotel em Hong Kong, em junho de 2013. “Eu pensei que ele devia ser um burocrata consideravelmente mais velho”, declarou ao jornalista Luke Harding (Harding, 2014, p. 11). O nível de acesso privilegiado ao material ultra secreto do qual a fonte parecia desfrutar e a sofisticação de sua análise política não prepararam Greenwald para o que ele encontrou – esperava ver algum veterano da cena política: “Talvez fosse o filho de Snowden, pensei, ou então seu assistente ou namorado, que agora iria nos conduzir a ele. Todas as possibilidades imagináveis passaram pela minha cabeça, e nenhuma delas fazia sentido algum” (Greenwald, 2014, p. 46).

O próprio Snowden reconhece que, apesar de delatores poderem surgir em qualquer nível de operação de uma instituição, a tecnologia digital inaugurou uma era em que “pela primeira vez na história registrada, os mais eficazes virão de baixo, das fileiras tradicionalmente menos incentivadas a manter o *status quo*” (Snowden, 2019, p. 204). A dependência que qualquer organização descentralizada (a Comunidade de Inteligência incluída) tem dos computadores, faz com que as camadas mais baixas da hierarquia empresarial estejam cheias de tecnólogos cujo acesso legítimo a infraestruturas vitais não corresponde ao seu nível de autoridade – nem ao seu comprometimento com a instituição. Funcionários

cujo acesso as informações vitais é totalmente desproporcional à capacidade de influenciar decisões e mudar – pelos caminhos protocolares – a cultura institucional. Snowden não tinha diploma superior, e sequer tinha terminado o ensino médio. Ainda assim, sua posição na Agência Nacional de Segurança, como um dos cerca de mil administradores do sistema, lhe dava autorização para acessar muitas informações confidenciais que mesmo outros usuários, com autorização de uso ultrassecreta, não podiam.

A fonte do episódio *Cablegate*, a soldado Chelsea Manning, tinha, de certa forma, um perfil muito semelhante ao de Snowden. Aos 23 anos tinha acesso a informações confidenciais graças a sua posição de analista de inteligência: “analistas de níveis inferiores cuja tarefa é filtrar as informações para preparar relatórios e análises acabam tendo conhecimento mais amplo, profundo e especializado do que pessoas mais acima da cadeia hierárquica” (Manning, 2022, p. 206).

Nos episódios estudados, a fonte do caso Panama Papers é a única que permanece anônima até hoje. Autointitulava-se “John Doe”, nome que os policiais estadunidenses costumam dar aos cadáveres sem identificação. Pela frequência e atualidade das informações passadas, a fonte parecia ter acesso direto, durante todo o período do vazamento, à totalidade da base de dados da firma de advocacia Mossack Fonseca, uma firma panamenha especializada em criar contas *offshore* para empresas de fachada (Obermayer & Obermaier, 2020). Pelos relatos dos jornalistas não é possível entrever sua idade, ou exatamente a relação que teria com a firma – apenas sua capacidade tecnológica de acesso a todo tipo de dados. “É bizarro. Quando olhamos nos arquivos, nos deparamos com e-mails trocados apenas alguns dias antes. É quase como se estivéssemos tendo acesso ao material da Mossack Fonseca em *real time*, como se estivéssemos dentro da firma de advocacia que presta serviços para tantos criminosos” (Obermayer & Obermaier, 2020, p. 50).

Se a tecnologia vem possibilitando um perfil diferente de fonte – mais jovem, e com baixa posição hierárquica – Walter Delgatti, fonte do caso Vaza Jato, nos traz ainda um outro aspecto: é um exemplo de como as fontes de informações sigilosas e sensíveis hoje podem estar em lugares bem distantes dos envolvidos no vazamento. Distância não somente física, mas também em relação à possibilidade de afetação sobre o conteúdo vazado – ao contrário

de Manning, Snowden, Ellsberg e, aparentemente, John Doe, que trabalhavam em contato direto com as informações vazadas.

O estudante de direito, de 30 anos, admite que não tinha interesse por política: “Eu nunca votei. Desde pequeno, eu nunca votei. Sempre justifiquei meu voto” (Delgatti, 2021). A se basear em seus depoimentos, Delgatti não tinha nenhuma ligação com as figuras envolvidas no vazamento; não chegou até ali intencionalmente (estava hackeando outra pessoa por outros motivos) e, apesar de apoiar a Lava Jato na época, afirmava não ter conhecimento qualitativo da situação – tanto jurídica, dos bastidores das Lava Jato ou política, das batalhas envolvidas.

## **5 A colaboração das fontes**

A quantidade de informações disponíveis hoje na internet, a sofisticação dos dados e as novas formas de transmissão vêm forçando o desenvolvimento de novas competências técnicas pelos jornalistas. O jornalista do The Guardian, Luke Harding, conta que todos os envolvidos no caso Snowden passaram, em pouco tempo, de novatos a especialistas em criptografia: “Muito rapidamente, tivemos que melhorar bastante nossas habilidades de espionagem” (Harding, 2014, p. 115). Da mesma forma, a tecnologização da informação impulsiona novas estratégias colaborativas no jornalismo – como o jornalismo investigativo internacional (Hume & Abbot, 2017) e a participação do público em atividades até então exclusivas dos jornalistas (Bruns, 2011), por exemplo. Também as fontes, de vazamentos ou não, são submetidas aos mesmos processos. Freitas (2016) ao analisar o jornalismo colaborativo em tese de doutoramento, apontou como, em cada um dos grandes casos de vazamento, “não só os jornalistas, mas também as fontes vão se qualificando para as investigações e o trabalho conjunto. E como, por meio de experiência própria ou busca de informação sobre coberturas anteriores, estão mais preparados para fazer escolhas individuais” (p. 118).

O que define uma fonte colaborativa, em seus diversos graus, é o nível de envolvimento com os jornalistas na rotina da construção da notícia – o que, geralmente, já é indicado na hora da aproximação. Apenas entregar, por exemplo, a informação para o jornalista, como algo que está lhe queimando as mãos e que da

qual você quer se ver livre o mais rápido possível. Ou negociar a amplitude do aproveitamento do material, como fez Ellsberg ao exigir a divulgação do estudo em sua (quase) integralidade. A colaboração pode acontecer em duas frentes: no âmbito da compreensão dos fatos ou nas decisões relativas à investigação e divulgação deles – decisões editoriais. Edward Snowden, a fonte com maior grau de colaboração da pesquisa, é exemplo de ambos. O jornalista do *The Guardian* Glenn Greenwald conta que, no quarto de hotel em Hong Kong, onde encontrou Snowden pela primeira vez, às vezes ficava atordoado com o material – gráficos, tabelas, memorandos – apresentados pela fonte que, pacientemente, explicava cada um, contextualizando e relacionando as informações (Harding, 2014). O processo durou uma semana, período em que as reportagens foram sendo escritas. Antes de se encontrar com o jornalista, Snowden já tinha produzido uma espécie de glossário, explicando os principais termos técnicos e acrônimos utilizados pela Agência Nacional de Segurança estadunidense. Além disso, insistiu que os documentos que revelassem espionagem fossem destinados apenas aos alvos dessa vigilância. “Achava que a mídia de Hong Kong devia ter a informação relativa à espionagem a Hong Kong, o material brasileiro deveria ir à mídia brasileira e assim por diante. Foi categórico neste ponto” (Harding, 2014, p. 120).

Já John Doe, pseudônimo escolhido pela fonte do caso Panama Papers, apenas repassou o material gigantesco para os jornalistas alemães Bastian Obermayer e Frederik Obermaier. Mas, logo no início mostrou que não seria assim tão passivo: “Essa história pode se comparar com os documentos de Snowden, mas você está publicando em alemão. Você precisa se associar ao New York Times ou a um jornal inglês do mesmo calibre” (Obermayer & Obermaier, 2020, p. 18).

É importante delimitar aqui o que chamamos de envolvimento da fonte na construção da notícia. Pode-se argumentar que toda fonte se envolve na construção da notícia na medida que, ao fornecer informações, seleciona quais fatos e dados serão repassados ao jornalista. É verdade. Também é verdade que algumas fontes proativas – em especial assessorias de imprensa – às vezes “emplacam” não só o assunto que desejam ver divulgado, mas o próprio texto do release, que é republicado quase integralmente. Tais interferências, no entanto, são prerrogativas da ação da fonte, e não se constituem em um trabalho colaborativo. A fonte

colaborativa atua junto com o jornalista, por imposição dela ou a pedido dele; por necessidade ou conveniência.

A relação do jornalista com a fonte, para a construção de notícias, faz parte do que chamamos de práticas produtivas do jornalismo. A maneira como uma notícia é construída e narrada lhe dá um determinado sentido, e exerce influência, em algum grau, na maneira como os leitores vão entendê-la. Ao estudo desses caminhos, regras e práticas para a construção da notícia, dá-se o nome de newsmaking (Martino, 2014). As pesquisas de newsmaking têm, geralmente, uma abordagem etnográfica, e conseguem identificar não apenas as continuidades, mas as rupturas nas práticas jornalísticas (Wolf & Figueiredo, 1999).

A perspectiva do newsmaking leva em conta, entre outros aspectos, os critérios de noticiabilidade, descritos por Wolf e Figueiredo (1999) como um conjunto de critérios que estabelecem a aptidão de cada acontecimento para ser transformado em notícia. Definida a noticiabilidade de um fato resta saber, dentre todos os que se têm à mão, aqueles possíveis de serem publicados, quais os mais relevantes para serem publicados. É onde entra o conceito de valor-notícia. Os valores-notícia estabelecem critérios para a seleção do material, e dizem respeito a quatro características: o conteúdo; a disponibilidade do material; o público e a concorrência. Destes, é a segunda que nos interessa: a disponibilidade do material.

Na rotina das redações, com a queda dos números de profissionais contratados e a instantaneidade da publicação de notícias, leva-se cada vez mais em consideração a facilidade e rapidez com que aquele evento pode ser coberto: o quão acessível o acontecimento é para os jornalistas, o quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais. Por isso o autor destaca as fontes que fornecem material já facilmente inserido nas rotinas de produção. Os casos de grandes vazamentos estudados aqui mostram que, por estarem em uma posição de suprir deficiências de conhecimento técnico do conteúdo do vazamento por parte dos jornalistas, fontes colaborativas tornam o evento mais acessível e disponível, aumentando seu valor-notícia.

## 6 O protagonismo das fontes

O vazamento de informações para a imprensa é um acontecimento que não se encerra em si. A partir do momento em que o conteúdo se torna notícia, o próprio vazamento se torna notícia. A mídia, assim, comunica com diferentes ênfases: 1) o conteúdo que se desejava manter em segredo; 2) o acontecimento da divulgação (quem fez e como se deu o vazamento) e, muitas vezes, 3) o acontecimento da cobertura jornalística da divulgação.

Quéré (2012) evidencia as duas dimensões de um acontecimento: o acontecimento como experiência imediata e como objeto de investigação. A primeira é experimentada no momento da irrupção, a maneira como afeta o cotidiano coletivo e a sensibilidade dos sujeitos (França & Lopes, 2017). Ao produzir afetações, o acontecimento estimula a busca da compreensão e, aí, o acontecimento ganha sua segunda vida. Se transforma em objeto do qual tomamos consciência ganhando, conseqüentemente, novos modos de operação e características novas. As duas instâncias, no entanto, coexistem; estão intrinsecamente relacionadas e é impossível separá-las. Muitas vezes, nos grandes vazamentos de informação, não só os efeitos imediatos dos segredos revelados são considerados. O próprio vazamento se torna um acontecimento objeto, analisado e investigado, gerando polêmica e opiniões contraditórias. Este alçamento a um acontecimento objeto se dá, ainda mais fortemente, em vazamentos que apresentam protagonismo da fonte.

Fontes protagonistas, em um sentido literário, ocupam o papel principal em narrativas jornalísticas posteriores ao vazamento – e, com maior ou menor intimidade com protocolos e procedimentos jornalísticos/midiáticos, procuram também divulgar sua versão dos fatos e permanecer visíveis.

O espaço onde tudo isso acontece é, prioritariamente, a mídia.

A mídia tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida) (...). E às vezes essa segunda vida é tão transformadora, e causa tanto impacto, que ela atua igualmente (e novamente) como acontecimento existencial – este, por sua vez, será comentado, e se transformará, de novo, numa segunda vida, numa espiral crescente. (França, 2012, p. 16).

Um fenômeno que sustenta a “espiral crescente” mencionada por França é a recirculação da notícia nas redes sociais (Zago, 2011, 2017). É onde surge o chamado ciberacontecimento – seja ele gerado dentro das redes ou a partir de um acontecimento inicialmente externo que se desdobrou nas redes digitais – e cuja repercussão o torna, inclusive, objeto de notícia de veículos jornalísticos tradicionais, em um processo de retroalimentação. Grande parte das narrativas que se constroem tanto a respeito das fontes protagonistas como as construídas pelas fontes protagonistas acontece no ambiente digital, na circulação e recirculação de notícias, comentários e depoimentos, ou em campanhas de apoio às fontes, como foi o caso da campanha “Eu sou Bradley Manning”<sup>1</sup>, lançada nas redes por artistas e ativistas.

Apesar disso, não se pode dizer que a facilidade da circulação de informações, trazida pela tecnologia, seja o único fator determinante para definir se uma fonte será ou não protagonista. O estudo com fontes de vazamentos de informação mostrou que a identidade da fonte de determinado vazamento; o fato dela ter pedido anonimato ou ter vindo a público; de lutar ou capitular; de fugir ou ser presa, são todos elementos que determinam se o acontecimento do vazamento será descartado pelo público e pela imprensa como menos interessante face ao conteúdo vazado (como aconteceu no caso de Walter Delgatti, fonte do episódio Vaza Jato por exemplo, ou no episódio Panama Papers) ou se, ao contrário, ganhará vida própria (tendo a fonte como protagonista) sendo transformado em mais uma das narrativas midiáticas produzidas em função do vazamento (como nos casos de Daniel Ellsberg, Chelsea Manning e Edward Snowden, respectivamente fontes dos episódios Pentagon Papers, Cablegate e Caso Snowden).

Ao serem sistematizadas, na pesquisa, as motivações alegadas e as consequências sofridas (dois dos cinco marcadores estabelecidos), nota-se ainda que o protagonismo exercido pela fonte parece estar intimamente ligado a seus motivos, e pode moldar, em algum grau, seu futuro: Ellsberg, Snowden e Manning tornaram-se, os três, ativistas e palestrantes, símbolos dos valores que os levaram a vazarem as informações. Diferentemente de Delgatti (Vaza Jato), por exemplo, que apresentava maior fragilidade em suas motivações alegadas, com interesses aparentemente velados, e que voltou às manchetes dos jornais apenas em um obscuro imbróglio político-partidário-criminal<sup>2</sup>.

Depois da divulgação dos telegramas diplomáticos – o caso

Cablegate – Chelsea Manning, que já estava presa, viu sua posição na mídia mudar – o conteúdo vazado não era o mais importante: “o tratamento dispensado a mim pelas Forças Armadas americanas virou uma história em si na imprensa” (Manning, 2022, p. 176). Na época, a comissão de direitos humanos do parlamento alemão escreveu um protesto para o governo estadunidense. Mais de duzentos professores das faculdades de direito de Harvard e Yale – incluindo um ex-professor do então presidente Barack Obama – assinaram uma carta condenando as condições em que Manning estava presa como violação dos direitos humanos. No entanto, três dias após o início de seu julgamento, Manning viu seu protagonismo midiático ameaçado por outro vazamento. No dia 5 de junho de 2013 estourava a notícia do vazamento de Edward Snowden.

O momento foi difícil para mim. Isso sugou todo o ar da minha defesa. Praticamente toda a imprensa fez as malas e foi embora, e eu não podia culpá-los. Esta era uma história enorme e importante em seu plantão. E embora a opinião pública tenha mudado para o nosso lado desde a minha prisão, de repente, eles poderiam me considerar o mau vazador, aquele que estava na prisão, aquele que não podia dar uma entrevista, aquele com supostos problemas pessoais. Ed era o herói. Fui presa antes de poder divulgar minha narrativa, meu lado da história, e agora minha segunda chance de fazer isso havia sido eliminada da primeira página. (Manning, 2022, p. 207).

Duas ideias se destacam na fala de Manning: o valor da narrativa própria e o peso do aval jornalístico. A fonte vê a importância, para a construção de um entendimento de culpa ou inocência que, em última instância, poderia significar a liberdade ou uma vida atrás das grades, de fazer chegar ao público seu ponto de vista, sua própria narrativa. E lamenta que, quando tem essa chance, perde o lugar de destaque, de visibilidade: a primeira página dos jornais que agora era ocupada por Snowden e sua própria narrativa.

Fazer prevalecer sua versão dos fatos é fundamental para uma fonte de vazamento de informação. Caso descoberta, ela será julgada não só pelo Estado (quando possível) mas, sempre, pela opinião pública. “Somos nós, em última instância, em sociedades democráticas, que determinamos se o vazamento é um mero crime ou uma ação transformadora, independentemente do processo legal que o agente da ação sofra” (Pait & Pinheiro, 2014, p. 24). Todo o desenrolar do vazamento, incluindo aí a



cobertura midiática, tem impacto sobre o vazamento em si. Neste ritual mediado o passado e a personalidade do vazador ficam sob escrutínio da sociedade. Quais suas motivações políticas, quais os dramas pessoais que o moveram a fazer aquilo? Vingança, traição? Ou um sacrifício autêntico de quem se vê sem alternativas para mudar o que acredita estar errado?

O protagonismo desenvolvido pela fonte, em um caso de vazamento de informação, atua ainda como uma força auxiliar na afirmação da autoridade jornalística (Zelizer, 1992) em relação àquele episódio, ou seja, no direito do repórter de ter sua narrativa dos fatos reconhecida como a mais legítima. No processo de estabelecimento da autoridade jornalística, a autora coloca que alguns “incidentes críticos” propiciam aos jornalistas acessar e renegociar o significado de sua atividade pelo confronto entre diferentes narrativas de memória.

Grandes vazamentos fornecem bons incidentes críticos. Analisando o caso Snowden a partir do conceito de incidente crítico, Ribeiro e Bertol (2016) ressaltam a importância simbólica que ele teve, e atribuem grande parte desse valor simbólico ao modo como se deu a cobertura, e como esta se constituiu através dos diferentes relatos posteriores dos jornalistas - os *retellings*, nos termos de Zelizer. Mas chamam atenção também para os relatos, e o próprio protagonismo, da fonte: Snowden, exilado em Moscou, passou a participar de debates pela internet, ocasião em que relembra o acontecimento e reitera os significados de sua decisão de tornar públicos os documentos da Agência Nacional de Segurança. “A demanda por sua presença, mesmo que virtual, indica o quanto sua versão é valorizada, certamente em detrimento de outras” (Ribeiro & Bertol, 2017, p. 57).

## **7 A hibridização do campo jornalístico**

A análise das forças que as atuações de fontes protagonistas e colaborativas exercem sobre – e a partir do – campo jornalístico leva em consideração o conceito operativo de campo de Bourdieu como um espaço social estruturado, que abriga uma permanente disputa por poder, sofrendo o impacto de forças internas e externas. São espaços relacionais submetidos a forças estruturais: composto por agentes que se relacionam e cujas condutas são determinadas

por sua posição na estrutura da relação de forças característica desse campo, no momento considerado (Bourdieu, 2011).

O contorno do campo, a partir da emergência do que podemos chamar de jornalismo moderno (Schudson, 1981) foi definido por um conjunto de rotinas, valores, hábitos e noções aprendidos em sala de aula ou no dia a dia da profissão: o conceito de valor-notícia (Wolf & Figueiredo, 1999); as ideias do jornalista como *gatekeeper* (White, 1999) e como cão de guarda; a noção de objetividade (Tuchman, 1999); os constrangimentos e censuras a que jornalistas são submetidos, exercidos pela empresa ou pelo grupo de colegas (Breed, 1999; Soloski, 1999) ou ainda exercidos pela própria natureza da ocupação (Traquina, 2012; Gans, 2004).

Zelizer (1992), no entanto, argumenta que a mirada para o jornalismo enquanto profissão, apenas, não é suficiente para entender a totalidade da prática jornalística. Por isso sugere uma moldura teórica na ideia de jornalistas como uma “comunidade interpretativa transnacional” – ou “tribo”, como prefere Traquina (2002) –, partilhando quadros de referência comuns. O conceito permitiria estudar dimensões da prática jornalística até então pouco exploradas: a centralidade da narrativa (*storytelling*); os contatos informais entre os próprios jornalistas e a relevância do discurso jornalístico sobre a atuação dos repórteres em eventos marcantes (os incidentes críticos), ajudando a configurar e reconfigurar a autoridade jornalística.

Tais conceitos, criados para explicar a natureza e prática do jornalismo, ainda que fundamentais, se encontram em processo de avaliação, revalidação ou mesmo transformação, frente às novas realidades instauradas pelos avanços tecnológicos. As práticas são múltiplas, as definições imprecisas e novos atores – ou antigos atores com novas atribuições – exercem forças sobre o campo jornalístico, que tem suas fronteiras em constante redefinição.

Eldridge (2019) argumenta que atividades que se estabelecem na fronteira do campo jornalístico não devem ser vistas como um problema se aceitarmos a ideia de que, com a ascensão da mídia digital, os jornalistas não são mais os principais (ou os únicos) fornecedores de notícias. Alves (2006) preconizava essa realidade quando, há quase duas décadas, colocava que o jornalismo tinha deixado de ser privilégio dos jornalistas. Outros atores passaram a levar notícias ao público, com diferentes formatos, mais ou menos dinâmicos, mais ou

menos acessíveis; nem todos seguindo a lógica do jornalismo. Assim, não deveríamos vê-los, todos, necessariamente, como jornalistas, mas considerar o jornalismo como um campo que se constrói entre essas forças e no encontro entre aqueles que vêm do centro do campo (os jornalistas “tradicionais”, cientes e zelosos da força da sua própria identidade jornalística) e aqueles que vêm da periferia (os *interlopers*). Neste exercício, diz o autor – alinhando-se com a noção bourdiana de campo – e “fazendo concessões para as significativas complexidades na compreensão do dinamismo do jornalismo nas suas fronteiras”, o campo não seria concebido tendo suas fronteiras como um espaço de entrada ou de expulsão, mas sim como um espaço de relações sociais (Eldridge, 2019, p. 13).

Não há dúvida de que a convergência das mídias, a crise do modelo de negócios e o surgimento das redes sociais levaram jornalistas a performarem ações no seu dia a dia que não eram, anteriormente, requisitadas – ações técnicas; de gerenciamento/financeiras; relacionadas à plataformização da comunicação e à divulgação em redes sociais. Às vezes, produzindo questionamentos sobre a própria autoridade jornalística (Molineux & McGregor, 2021).

Da mesma forma com que jornalistas passam a performar tarefas alheias ao jornalismo tradicional, outros atores não-jornalistas vêm ganhando status dentro do campo. Di Salvio e Porlezza (2020) colocam, por exemplo, as fontes *hackers* como exemplo da hibridização do campo jornalístico, onde conviveriam, hoje, as lógicas das mídias tradicionais e das novas mídias. Uma convivência em constante negociação entre o novo e o antigo, já que o surgimento de novas funções e novas perspectivas traz consigo diferentes papéis e normas de atuação para os atores que, ainda assim, são cobrados no sentido de comportar-se e atuar de acordo com normas e padrões instaurados pelo jornalismo tradicional (Tandoc, 2019).

Muitas organizações de notícias consideram que algumas ações que contribuem diretamente para a produção de notícias exigem novos conjuntos de competências que não fazem parte da formação jornalística tradicional – e, portanto, de outros profissionais. Em alguns casos, tais cargos têm perfil editorial (Ferrer-Conill & Tandoc, 2018). Tandoc (2019) sustenta que, ao classificar essas novas designações de cargos como nível de editor, alguns meios

de comunicação parecem reconhecer claramente que as tarefas envolvidas estão diretamente relacionadas ao jornalismo.

## **8 Considerações finais**

As mudanças tecnológicas, cada vez mais rápidas e profundas, alteram não só nossas interações com as máquinas, mas a forma com a qual nos relacionamos e percebemos o mundo, e nos legaram uma sociedade em que a participação e a colaboração online fazem parte do cotidiano, e a produção e o compartilhamento de informações jornalísticas já não estão restritos a profissionais.

Da perspectiva do estudo das fontes, o que tudo isso gera é um tipo de fonte com capacidade, interesse e muitas vezes requisitada a atuar com maior grau de envolvimento na dinâmica da produção da notícia. Além disso, as possibilidades abertas pela internet e pelas redes sociais ampliam as chances de a fonte se fazer ouvida e percebida pelo público (quando quer ou pode); de ver circular sua própria narrativa. Desta forma, vemos a possibilidade de se transformarem e se intensificarem as características de colaboração e protagonismo na atuação das fontes de qualquer tipo – o que foi demonstrado, em diferentes graus, em relação às fontes de vazamentos analisadas na pesquisa. As características de colaboração e protagonismo não surgiram com a tecnologia digital – o episódio de vazamento analógico, por exemplo, em que a pesquisa se ancora para estabelecer algumas comparações (Pentagon Papers), traz uma fonte altamente protagonista e bastante colaborativa. O que a pesquisa mostra é a ampliação da perspectiva – às vezes, da necessidade – destas atuações, devido à tecnologia da informação.

Fontes colaborativas atuam na construção da notícia (âmbito das práticas jornalísticas) e fontes protagonistas auxiliam os jornalistas, com suas atuações midiáticas, a estabelecerem a narrativa dominante para determinado incidente crítico. Ao analisar as fontes dos cinco episódios de vazamentos, vimos, no entanto, que apesar do que trazem de novo para a atividade em suas atuações, nenhuma delas reivindica a identidade jornalística, ou reconhece em suas ações a difusão de informações jornalísticas como atividade principal. Assim, permanecem – dentro do

campo jornalístico – em seus papéis tradicionais de fonte. Fontes colaborativas ou protagonistas, de modo geral, carregam, no entanto, junto a suas novas atuações, questionamentos teóricos e práticos. Primeiro porque, ao considerar as (novas) atuações da fonte como parte das forças que incidem sobre o campo jornalístico (e a partir dele), avançamos na exploração de diferentes visadas a respeito da configuração e reconfiguração do campo.

Segundo, por que acrescentam à narrativa da imprensa uma voz própria. Isso pode acontecer na intensificação de sua participação na construção da notícia, ou na produção de narrativas próprias em acontecimentos jornalísticos posteriores ao vazamento – alterando, assim, a percepção do acontecimento por parte do público. Esta percepção já vinha sendo alterada, em algum grau, com o surgimento do jornalismo online, midiaticizado (De Azeredo Soster, 2024), um jornalismo onde “as múltiplas possibilidades de acesso, a convergência midiática, a multimidialidade e a fragmentação de textos apontam para aspectos distintos de constituição do singular significante, isto é, da estrutura que orienta a percepção dos acontecimentos” (Pontes, 2017, p. 176).

Ao serem acrescentadas novas vozes na construção da notícia ou na circulação de narrativas que influenciam o estabelecimento da autoridade jornalística, acrescentam-se forçosamente, outras subjetividades. Aqui nos alinhamos a autores que entendem a subjetividade como parte constitutiva do jornalismo (Steensen, 2017; De Azeredo Soster, 2024; Wahl - Jorgensen, 2012), especialmente em seu caráter social (Moraes, 2019; Pontes, 2017), e não apenas de nichos como o jornalismo literário, cultural etc.

Apesar de aparecerem mais fortemente nos casos de vazamento de informações, nada nos faz acreditar que as circunstâncias constitutivas para um grau significativo de colaboração ou protagonismo sejam exclusivas deles. O mesmo pode ser dito a respeito da importância da tecnologia nas alterações das dinâmicas entre fontes e jornalistas. Uma ampla investigação na atuação de outros tipos de fontes poderia, de forma a complementar a este estudo, nos indicar a robustez de tal inferência. Mais do que a definição cristalizada de um tipo nítido de fonte, as classificações de colaborativa e protagonista buscam lançar luz a nuances que possam indicar novas práticas e direções

dentro do campo jornalístico. Desta forma, o aprofundamento na percepção das alterações pelas quais a fonte passa – em seu perfil e suas ações – à luz de novos conceitos ou das teorias e conceitos tradicionais, contribui para identificar possíveis limites de tais teorias e conceitos.

## NOTAS

- 1 Bradley refere-se ao nome de batismo de Chelsea, anterior à transição.
- 2 [www.cl.df.gov.br/-/a-ideia-dele-bolsonaro-era-implantar-o-caos-em-caso-de-derrota-diz-o-hacker-delgatti-a-cpi](http://www.cl.df.gov.br/-/a-ideia-dele-bolsonaro-era-implantar-o-caos-em-caso-de-derrota-diz-o-hacker-delgatti-a-cpi)

## REFERÊNCIAS

Alves, R. C. (2006). Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação e sociedade*, 9(10), 93-102. DOI: 10.17231/comsoc.9(2006).1157

Amaral, M. C. G. R. do. (2024). *Os novos whistleblowers: mudanças no perfil e nas dinâmicas das fontes de vazamentos para a imprensa nas últimas décadas (1970–2020)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Anderson, C. W., Bell, E., & Shirky, C. (2013). Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *Revista de Jornalismo ESPM*, (5), 30-89.

Bourdieu, P. (2011). O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (5), 193-216. Recuperado de [www.scielo.br/j/rbcpol/a/3JY6Zsr9yVZGz8BYr5TfCRG/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/rbcpol/a/3JY6Zsr9yVZGz8BYr5TfCRG/?format=pdf&lang=pt)

Braga, J. L. (2011). A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, 14(1), 1–33. DOI: 10.30962/ec.665

Breed, W. (1999). Controlo social na redacção: uma análise funcional. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 152 – 166). Vega.

Bruns, A. (2011). Gatekeeping, gatowatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, 10(2), 119–140. DOI: 10.25200/BJR.v10n2.2014.750

Chaparro, M. C. (2007). *Pragmática do jornalismo*. Summus.

Chaparro, M. C. (2014). Fonte, sujeito jornalístico nos novos cenários da notícia. In N. Del Bianco & M. Santos (Orgs.), *Manuel Carlos Chaparro, 70 anos na estrada do texto* (pp. 74 – 83). Intercom. Recuperado de [www.portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=55846](http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=55846)

Christofoletti, R. (2016). Riscos éticos em tempos de delações, vazamentos e clamor pela transparência. *Brazilian Journalism Research*, 12(2), 58–77. DOI: 10.25200/BJR.v12n2.2016.889

De Azeredo Soster, D. (2024). Narrativas de subjetividade, jornalismo e midiatização. *Anais de resumos expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*. Rede Internacional de Pesquisa em Midiatização e Processos Sociais (RedeConsolidada CNPq). Recuperado de <https://anais.midiaticom.org/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/issue/view/17>

Delgatti, W. (2021, 16 de fevereiro). *Joaquim de Carvalho entrevista o hacker Walter Delgatti* [vídeo]. YouTube. Recuperado de [www.youtube.com/watch?v=ElHe4PuEBJI](http://www.youtube.com/watch?v=ElHe4PuEBJI)

Deuze, M., & Witschge, T. (2016). O que o Jornalismo está se tornando. *Parágrafo*, 4(2), 1–21. Recuperado de <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>

Di Salvo, P., & Porlezza, C. (2020). Hybrid professionalism in journalism: Opportunities and risks of hacker sources. *Studies in Communication Sciences*, 20(2), 243-254. DOI: 10.24434/j.scoms.2020.02.007

Eldridge II, S. A. (2019). Where Do We Draw the Line? Interlopers, (Ant)agonists, and an Unbounded Journalistic Field. *Media and Communication*, 7(4), 8-18. DOI: 10.17645/mac.v7i4.2295

Ellsberg, D. (2003). *Secrets: A memoir of Vietnam and the Pentagon Papers*. Penguin Papers.

Fausto Neto, A. (2017). Jornalismo: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização. In F. F. Silva, J. B. Sousa & P. Nunes (Orgs.), *Escutas sobre o jornalismo* (pp. 205–226). Editora do CCTA.

Ferrer-conill, R., & Tandoc Jr, E. C. (2018 ). The audience-oriented editor: Making sense of the audience in the newsroom. *Digital Journalism*, 6(4), 436-453. DOI: 10.1080/21670811.2018.1440972

França, V. (2012). O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, (24), 10 – 21. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>

França, V. V., & Lopes, S. C. (2017). Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*, 11(3), 71-87. DOI: 10.11606/

issn.1982-8160.v11i3p71-87

Freitas, C. M. B. de. (2016). *A colaboração no jornalismo: do Arizona Project aos Panama Papers*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Gans, H. J. (2004). *Deciding what news is: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Northwestern University Press.

Gil, A. C. (2016). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. Atlas.

Greenwald, G. (2014). *Sem lugar para se esconder*. Sextante.

Harding, L. (2014). *Os arquivos Snowden*. Leya.

Hume, E., & Abbot, S. (2017). *The future of investigative journalism: global, networked and collaborative*. Adessium Foundation. Recuperado de [https://cmds.ceu.edu/sites/cmcs.ceu.hu/files/attachment/article/1129/humeinvestigativjournalismsurvey\\_0.pdf](https://cmds.ceu.edu/sites/cmcs.ceu.hu/files/attachment/article/1129/humeinvestigativjournalismsurvey_0.pdf)

Leigh, D., & Harding, L. (2011). *WikiLeaks: A guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado*. Versus.

Manning, C. (2022). *README.txt: a memoir*. Farrar, Straus and Giroux.

McCurdy, P. (2013). From the Pentagon papers to Cablegate: how the network society has changed leaking. In B. Brevini, A. Hintz & P. McCurdy (Orgs.), *Beyond WikiLeaks: Implications for the future of communications, journalism, and society* (pp. 123-145). Palgrave Macmillan.

Molineux, L., & McGregor, S. (2021). Legitimizing a platform. Evidence of journalists' role in transferring authority to Twitter. *Information, Communication and Society*, 25(11), 1577 – 1595. DOI: 10.1080/1369118X.2021.1874037

Obermayer, B., & Obermaier, F. (2020). *The Panama Papers. Breaking the story of how the rich and powerful hide their money*. Oneworld.

Pait, H., & Pinheiro, R. (2014). Vazamento de informações: um ritual democrático na era da comunicação em rede. *Cadernos Adenauer*, (4), 9-32. Recuperado de [www.kas.de/documents/265553/265602/7\\_file\\_storage\\_file\\_16470\\_5.pdf/926ba6eb-bc56-a8e7-cdc1-7181c8db3295](http://www.kas.de/documents/265553/265602/7_file_storage_file_16470_5.pdf/926ba6eb-bc56-a8e7-cdc1-7181c8db3295)

Pontes, F. S. (2017). Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo: 30 anos de O Segredo da Pirâmide. *Brazilian Journalism Research*, 13(1), 164-181. DOI: 10.25200/BJR.v13n1.2017.960

Quéré, L. (2012). A dupla vida do acontecimento: por um realismo



pragmatista. In V. França & L. Oliveira (Orgs.), *Acontecimento: reverberações* (pp. 21 – 38 ). Autêntica.

Ribeiro, A. P. G., & Bertol, R. (2016). Memórias em disputa na cobertura do caso Snowden. A reinvenção da autoridade jornalística na era digital. *Contracampo*, 35(3), 55–78. DOI: 10.20505/contracampo.v35i3.852

Ruellan, D. (2006 ). Corte e costura do jornalismo. *Libero*, (18), 31–40. Recuperado de <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/704>

Schudson, M. (1981). *Discovering the news: A social history of American newspapers*. Basic books.

Snowden, E. (2019 ). *Eterna Vigilância*. Planeta do Brasil.

Soloski, J. (1999). O jornalismo e o profissionalismo: alguns estrangulamentos no trabalho jornalístico. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 91–100). Vega.

Steensen, S. (2017). Subjectivity as a journalistic ideal. In B. K. Fonn, H. Hornmoen, N. Hyde-Clarke & Y. B. Hågvær (Orgs.), *Putting a Face on It: Individual Exposure and Subjectivity in Journalism* (pp. 25 – 46). Cappelen Damm Akademisk. Recuperado de [www.academia.edu/35485582/Putting\\_A\\_Face\\_on\\_It\\_Individual\\_Exposure\\_and\\_Subjectivity\\_in\\_Journalism](http://www.academia.edu/35485582/Putting_A_Face_on_It_Individual_Exposure_and_Subjectivity_in_Journalism)

Tandoc JR, E. C. (2019). Journalism at the Periphery. *Media and Communication*, 7(4), 138–143. DOI: 10.17645/mac.v7i4.2626

Traquina, N. (2002). Uma comunidade interpretativa transnacional. *Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 1(1), 45-63. Recuperado de [https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/mj\\_1.pdf](https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/mj_1.pdf)

Traquina, N. (2012). *Teorias de Jornalismo, porque as notícias são como são*. Insular.

Tuchman, G. (1999). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 74–90). Vega.

Wahl-Jorgensen, K. (2012). The strategic ritual of emotionality: A case study of Pulitzer Prize-winning articles. *Journalism*, 14(1), 129-145. DOI: 10.1177/1464884912448918

White, D. M. (1999). O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 142–151). Vega.

Wolf, M., & De Figueiredo, M. J. V. (1999). *Teorias da comunicação*. Presença.

Zago, G. da S. (2011). O Twitter como fonte para o jornalismo. *Animus*, 10(20), 51–65. DOI: 10.5902/21754977

Zago, G. da S. (2017). Resignificações do acontecimento no jornalismo em rede. *Revista Observatório*, 3(3), 305-326. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n3p305

Zelizer, B. (2014). O que fazer com o Jornalismo? *Brazilian Journalism Research*, 10(2), 12–27. DOI: 10.25200/BJR.v10n2.2014.737

Zelizer, B. (1992). *Covering the body*. The University of Chicago Press.

**MARIA CRISTINA GUIMARÃES ROSA DO AMARAL.** Jornalista, graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Faz parte do grupo de pesquisa Mídias, Redes e Jovens: usos e apropriações em contextos digitais, da UFF. E-mail: cristina.gramaral@gmail.com .